

Loucuras do Rock

Paulão de Carvalho

Loucuras do Rock

191 histórias reais... e absurdas



© Paulão de Carvalho

Diretor editorial
Marcelo Duarte

Diretora comercial
Patty Pachas

Diretora de projetos especiais
Tatiana Fulas

Assistentes editoriais
Vanessa Sayuri Sawada
Juliana Paula de Souza
Ana Luiza Candido

Assistentes de arte
Alex Yamaki
Daniel Argento

Diagramação
Carla Almeida Freire

Ilustrações
Atílio

Preparação
Marina Ruivo

Revisão
Juliana de Araujo Rodrigues
Alexandra Costa da Fonseca

Colaboração
Leonardo Rodrigues
Ricardo de Goes Correia

Impressão
Cromosete

CIP – BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

Carvalho, Paulão de, 1965-
Loucuras do rock/ Paulão de Carvalho. – São Paulo: Panda Books,
2012. 128 pp.

ISBN 978-85-7888-245-7

1. Rock – Miscelânea. 2. Curiosidades e maravilhas. I. Título.

12-6062

CDD: 782.42166

CDU: 7.071.2

2012

Todos os direitos reservados à Panda Books.

Um selo da Editora Original Ltda.

Rua Henrique Schaumann, 286, cj. 41

05413-010 – São Paulo – SP

Tel./Fax: (11) 3088-8444

edoriginal@pandabooks.com.br

www.pandabooks.com.br

twitter.com/pandabooks

Visite também nossa página no Facebook.

Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida por qualquer meio ou forma sem a prévia autorização da Editora Original Ltda. A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na Lei nº 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

Aos roqueiros dementes que, com suas peripécias, aventuras e maluquices, facilitaram muito a confecção deste compêndio de birutices movidas a álcool, sexo e decibéis descontrolados.

Claro, sem esquecer José, Arenita,
Dedé e Majú... com amor.

Sumário

Esse louco, louco mundo do rock.....	9
Acidentes.....	13
Acontecimentos.....	23
Álcool.....	33
Bandas anteriores.....	41
Cinema e TV.....	46
Escola.....	56
Guitarra	61
Irmãos.....	69
Mortes.....	76
Mulheres	87
Nomes.....	96
Outras profissões	107
Números	112
Reunião de bacanas	119

Este louco, louco mundo do rock

O que escrever na abertura de um livro que trata de curiosidades do mundo do rock? Ainda que o tema pareça amplo, divertido e totalmente familiar para um roqueiro militante a caminho dos cinquenta como eu, tenho que admitir que esta publicação não foi exatamente ideia minha. Não foi nem um pouco! A verdade é que me reuni para um almoço descompromissado com o pessoal da editora e de sobremesa me lançaram no prato este “tira-gosto” com ares de desafio.

Sim, fofocas desse universo regido pela guitarra fazem parte do meu mundo, das minhas conversas de botequim, das piadas de camarim. Isso desde criança, colecionando pôsteres de ídolos da lendária revista *Somtrês*. Lembro que nessa época as paredes do meu quarto tinham como revestimento Judas Priest, Led Zeppelin, Beatles e por aí vai. Nas rodas de amigos, uma das maiores diversões era escalar as formações clássicas de cada banda. Na faculdade de comunicação, anos mais tarde, os trabalhos quase sempre desembocavam no rock, me levando a fazer entrevistas com ídolos embrionários, como Roger Rocha Moreira, Paula Toller, Paulo Ricardo, Marcelo Nova, sem esquecer de jornalistas admiráveis, como Maurício Kubrusly.

A paixão pelo rock era tanta que um professor de rádio da faculdade me convidou para ser estagiário da nascente 89 FM, ex-rádio rock de São

Paulo. Em novembro de 1986, eu estava alocado nos estúdios da Rádio Cidade (proprietária da 89 FM) em plena avenida Paulista, checando catálogos de gravadoras apinhados de capas de LPs que formariam a discoteca básica da rádio. E esse LP do Renaissance? Vai ou não? Aquele do Ted Nugent não pode faltar. Que sonho!

Um mês depois, ainda estagiário, eu me arriscava fazendo programações da madrugada. E nos corredores da rádio, o papo era sempre em torno do velho *rock'n'roll*, às vezes trombando com Rita Lee, outras com Kid Vinil, e até mesmo com Renato Russo. Que tempo fantástico! Mas daí a compilar de forma criativa e interessante histórias que povoam esse universo cheio de lendas e exageros numa publicação, bem, é totalmente diferente.

Puxei pela memória e fui listando artistas que eu achava que não poderiam deixar de ser citados. Recorri a biografias, artigos, amigos bem-informados e, obviamente, à internet para definir prioridades e esquisitices. Acima de tudo, fui descobrindo mais e mais histórias durante a pesquisa. Incluir informações sobre artistas brasileiros dos mais variados estilos (como o pop rock e a MPB, por exemplo) também fazia parte dos planos – quem sabe sendo até um diferencial das obras semelhantes de origem gringa. Ao contrário do meu primeiro livro, *Na terra das mulheres sem bunda*, que saiu inteiramente desta cachola desvairada que se localiza sobre meu pescoço, esta nova publicação teria que ser baseada em pesquisa e fatos reais (ou pelo menos ditos reais). Tentei não escrever uma nova versão d’*Os lusíadas*, até por ter começado o trabalho já com uma espécie de limite de tamanho de texto.

No meio do processo, surgiu um “pitaqueiro” na minha vida. Não o chamo assim por descaso, mas para definir sua função dentro da publicação. Esse profissional deu sugestões, pediu complementos... Eu me vi um pouco acuado, confesso, tendo meu conhecimento roqueiro posto à prova. Mas, no frigir dos ovos (o quê?), isso fez com que eu

aprofundasse ainda mais a pesquisa e aprendesse, por exemplo, a origem do codinome do ídolo Lemmy, líder do Motörhead.

No fim deu tudo certo e, gente, tem histórias do arco da velha. Está divertido e curioso. Divirtam-se!

Paulão de Carvalho

ACIDENTES



O nome original da banda **Def Leppard** quer dizer “leopardo surdo” (*deaf leopard*), e teria sido modificado para soar semelhante a Led Zeppelin, ainda que ninguém da banda confirme isso.

O grupo tem sua história marcada tanto por números e recordes formidáveis quanto por tragédias. Além de o baterista Rick Allen ter perdido o braço esquerdo em um acidente de automóvel durante um racha na Inglaterra em 1984, o guitarrista Steve Clark morreu em virtude de uma overdose de substâncias como diazepam, codeína, morfina e álcool em 1991.

Por outro lado, o grupo foi considerado, em 1983, a banda mais querida tanto em seu país, Inglaterra, quanto nos Estados Unidos, onde seu disco “Pyromania” rivalizou em números e preferência popular com “Thriller”, de Michael Jackson.

O Def Leppard também entrou para o *Livro dos records*, em 1996, por ter realizado três shows em três continentes diferentes num mesmo dia, começando à meia-noite em Tanger (Marrocos), tocando ao meio-dia em Londres (Inglaterra), e por volta de 22:40 horas em Vancouver (Canadá).

Quer outra? No disco “Euphoria”, de 1999, sabe quem toca guitarra na música *Demolition man*? O campeão mundial de Fórmula 1, Damon Hill.



Vindo de uma sequência desumana de shows, enfrentando protestos públicos por usar guitarras elétricas nas apresentações e abusando das drogas para manter a rotina de compromissos, **Bob Dylan** sofreu um acidente de moto em 29 de junho de 1966.

A roda traseira teria se soltado e arremessado Dylan no chão, provocando-lhe cortes na cabeça e no pescoço e ferindo suas costelas. Segundo depoimento de amigos, ele estava há três dias sem dormir e passeava de moto pela região de Woodstock (aquela do festival) quando o acidente aconteceu.

Na época, correram boatos de que o cantor estava desfigurado, paralisado, e até de que agentes do governo o haviam emboscado para silenciá-lo, dado o teor de suas canções de protesto. Nada disso foi confirmado.



Prestes a completar 31 anos, Francisco de Assis França, o **Chico Science**, um dos mentores do movimento musical *mangue beat*, morreu em um acidente de carro durante o Carnaval, na estrada que liga Recife a Olinda.

Seu Uno Mille chocou-se lateralmente contra um poste. A fivela do cinto de segurança teria se rompido em função do forte impacto, segundo apurou a perícia. Quase uma década depois, a montadora Fiat aceitou pagar uma indenização de cerca de 10 milhões de reais por danos morais e materiais. Metade do dinheiro foi para seus pais; a outra metade, para a filha do artista.

Os dois únicos discos lançados pelo grupo Chico Science & Nação Zumbi foram incluídos pela revista *Rolling Stone* entre os cem melhores discos da música popular brasileira (MPB).



Em 2003, a *Rolling Stone* publicou pela primeira vez sua lista dos cem melhores guitarristas de todos os tempos. A lista foi atualizada em 2011, com alterações de posições. Nono colocado em 2011 e medalha de prata em 2003, **Duane Allman** ajudou a fundar uma das mais significativas bandas americanas, os Allman Brothers Band.

Duane começou a tocar violão em 1960, por influência de seu irmão Gregg, e rapidamente ultrapassou o professor. Além da banda que levava seu sobrenome, Duane também teve uma importante participação como convidado do grupo Derek and the Dominos, liderado por Eric Clapton, no disco “Layla and other assorted love songs”, de 1970.

Duane morreu no hospital horas após sofrer um acidente com sua Harley Davidson, em outubro de 1971, menos de um mês antes de completar 25 anos.



Na segunda metade da década de 1960, com suas carreiras ainda engatinhando, **David Bowie** e **Marc Bolan** (da banda T.Rex) eram representados pelo mesmo empresário, mas não se conheciam. Os shows eram raros e os dois não tinham muito o que fazer nos fins de semana. De alguma maneira, o “habilidoso” empresário convenceu os dois a pintar as paredes de seu escritório. Unidos pelo pincel e pela tinta, Bowie e Bolan competiam em falastrice, cada um querendo ser mais exagerado que o outro quanto ao seu futuro artístico.

Bolan tornou-se uma celebridade antes de Bowie, no entanto, morreu precocemente em 1977, em um acidente de carro. Bowie alcançou sucesso no auge do *glam rock*, porém pulou fora do movimento, ma-

tando seu personagem Ziggy Stardust no palco, e segue até hoje como uma referência poderosa da música pop.



Em 1993, **Cássia Eller** resolveu ter um filho com o músico Tavinho Fialho. Francisco Ribeiro Eller, o Chicão, nasceu naquele mesmo ano, mas não conheceu o pai, que morreu meses antes em um acidente de automóvel. A música *1º de julho*, gravada pela Legião Urbana, foi composta por Renato Russo em homenagem à Cássia Eller grávida.

Com a morte da mãe, a guarda de Chicão ficou com a companheira de Cássia, Maria Eugênia Vieira Martins.



A maquiagem não é a única ligação do guitarrista Ace Frehley, do **Kiss**, com extraterrestres. Consta em sua biografia que certa vez, passando férias na fazenda de um amigo no estado de Nova Iorque e já bastante inebriado por todo tipo substância, Ace resolveu disfarçar um dos amigos de alienígena, usando um balão e uma lanterna, e passando cortiça queimada no rosto do amigo em questão, o qual, devidamente paramentado com o balão como um capacete sobre a cabeça, saiu caminhando durante a noite ao longo de uma rodovia próxima, piscando sua lanterna na direção do rosto de vários motoristas, assustando-os a ponto de quase provocar um acidente.

No dia seguinte o jornal local acusou o sucesso da brincadeira, noticiando que um extraterrestre fora avistado numa autoestrada da região.



Em 4 de dezembro de 1971, o **Deep Purple** chegou a Montreaux, na Suíça, para gravar um disco no espaço reservado para shows do cassino que levava o mesmo nome da cidade.

Na véspera da sessão de gravação, durante um show de Frank Zappa e The Mothers of Invention, um fã incauto acionou um sinalizador, que atingiu o teto e iniciou um incêndio que destruiu o local e o equipamento da banda de Zappa. A fumaça se espalhou por todo o lago de Genebra, cena que acabou batizando a lendária canção do Deep Purple, *Smoke on the water* (Fumaça na água), que descreve o trágico acontecimento.

O Deep Purple teve que mudar duas vezes de locação na cidade, a fim de encontrar um lugar alternativo para gravar seu disco, depois nomeado de “Machine Head”, e que incluía, entre outras, a famosa canção que faz referência ao incêndio.



Corria o ano de 1986 e o **Metallica** levava para o continente europeu a turnê Damage Inc., que promovia o disco “Master of puppets”.

A viagem de ônibus se anunciava bastante desconfortável para os músicos, que jogavam cartas para decidir qual deles poderia desfrutar do beliche de cima, mais confortável que os cubículos destinados aos restantes. Naquela noite, o baixista Cliff Burton ganhou, com um ás de espadas, o direito de dormir na melhor cama disponível.

Nas proximidades de Ljungby, na Suécia, no trajeto entre Estocolmo e Copenhague, o ônibus derrapou sobre o gelo acumulado na pista e capotou. Cliff foi arremessado para fora do veículo, que caiu sobre ele. O jogo foi sua última conversa.



Formada em 1964, a banda americana de rock sulista **Lynyrd Skynyrd** herdou seu nome de um professor do colegial que odiava cabeludos, Leonard Skinner.

Em 1977, o grupo passava por uma fase especialmente boa e resolveu trocar seu ônibus de excursão por um avião, um Convair 240 fabricado em 1941. Numa viagem entre a Carolina do Sul e a cidade de Baton Rouge, capital do estado de Louisiana, um dos motores do avião parou de funcionar e o combustível acabou, fazendo com que a aeronave se precipitasse sobre uma região pantanosa do estado do Mississippi.

Morreram piloto, copiloto, um membro da produção e três integrantes da banda: o tecladista Cassie Gaines, o guitarrista Steve Gaines e o líder do grupo, Ronnie Van Zandt. Segundos antes do acidente, Ronnie teria dito ao baterista Artimus Pyle, um dos poucos sobreviventes, as seguintes palavras: “Bem, é hora de ir, parceiro...”.



Composta e gravada originalmente por Don McLean e mais recentemente regravada por Madonna, a canção *American pie* faz referência a um dos dias mais tristes da história da música, mais especificamente à madrugada do dia 3 de fevereiro de 1959, quando, em um acidente de avião, morreram, além do piloto Roger Peterson, **Buddy Holly**, **Ritchie Valens** e **The Big Bopper**. Essa data ficou conhecida como “o dia em que a música morreu”.

Todos os artistas que faleceram no acidente faziam parte da turnê The Winter Dance Party, que pretendia passar por vinte cidades do centro-oeste americano em três semanas.

A correria era grande para cumprir os prazos, e vencer as distâncias de ônibus era um desafio. Quando chegou a Clear Lake, no estado de Iowa, Buddy Holly estava farto das condições de acomodação do ônibus que levava os artistas, principalmente pelo fato de o aquecimento não estar funcionando, um problema e tanto devido às baixas temperaturas locais.

Buddy alugou um pequeno avião e combinou com seu jovem piloto, de apenas 21 anos, que pagaria 36 dólares por cada um dos passageiros, incluindo ele mesmo. Uma vaga foi oferecida ao líder do Dion and the Belmonts, que achou caro e não embarcou. Buddy estava decidido a levar seus próprios parceiros de banda quando Big Bopper pediu para ir. Ritchie Valens ganhou sua vaga no avião em um cara ou coroa contra o guitarrista da banda de Buddy Holly, Tommy Allsup.

O avião decolou faltando cinco para a uma da manhã e caiu minutos depois, por uma combinação de erro humano e mau tempo, a oito quilômetros do aeroporto, a uma velocidade estimada de 270 quilômetros por hora.



A cantora **Sandy Denny** foi um dos nomes mais importantes do *folk rock* inglês das décadas de 1960 e 1970. Integrante de grupos musicais virtuosos, como Fairport Convention e Fotheringay, fez uma participação especial na canção *The battle of evermore*, do disco “Led Zeppelin IV”. Cantora com recursos vocais incomuns, ela tocava vários instrumentos musicais e tinha uma personalidade instável, movida, em muitas oportunidades, por álcool e drogas.

Em abril de 1978, um mês após cair de uma escada, Sandy foi diagnosticada com hemorragia cerebral, morrendo poucos dias depois, aos 31 anos de idade.